

DIVÓRCIO E AS IMPLICAÇÕES MULTIDIMENSIONAIS: ANÁLISE CONSCIENCIOMÉTRICA

Divorce and the Multidimensional Implications: Conscientiometric Analysis

El Divorcio y sus Implicaciones Multidimensionales: Análisis Autoconcienciométrica

Maria Madalena Esteves
mmadalena@gmail.com

Resumo. Neste artigo a autora narra casuística pessoal e apresenta implicações multidimensionais do desenlace conjugal. O objetivo é compartilhar as análises procedidas a partir das autovivências a fim de auxiliar leitoras e leitores interessados em ampliar a compreensão das relações afetivo-sexuais sob o enfoque da evolução consciencial. A metodologia utilizada na autopesquisa empreendida consistiu em inúmeras horas de autorreflexão e autopenalização ponderada sobre o assunto intencionando o aprofundamento autoconcienciométrico. A autanálise aliadas aos estudos bibliográficos específicos possibilitou enumerações relacionando autaprendizados, considerações quanto ao holossoma, travões, repercussões e transposições. Finaliza com 12 autoquestionamentos para autorreflexão e conclui que segundo o Paradireito o divórcio é medida evolutiva quando duas conscins já não conseguem se interassistir e acumulam autenganos com reflexos multidimensionais negativos.

Abstract. In this article the author recounts the personal facts and presents the multidimensional implications of a conjugal undoing. The goal is to share the analysis made through self-experiences in order to assist readers interested in expanding their understanding of affective-sexual relations from the perspective of consciencial evolution. The methodology used in the self-research consisted of countless hours of self-reflection and pondered self-thosenization on the subject intending a self-conscientiometric deepening. This self-analysis allied to specific bibliographic studies allowed enumerations presenting self-learnings, holossoma considerations, barriers, repercussions and transpositions. It ends with 12 self-questionings for self-reflection and concludes that according to Paralaw divorce is an evolutionary measure used when two conscins no longer manage to help each other and accumulate self-deceptions with negative multidimensional consequences.

Resumen. En este artículo la autora narra la casuística personal y presenta las implicaciones multidimensionales del desenlace conyugal. El objetivo es compartir los análisis procedentes de la experiencia propia con el fin de auxiliar a las lectoras y lectores interesados en ampliar la comprensión de las relaciones afectivo-sexuales bajo el enfoque de la evolución consciencial. La metodología utilizada en la autoinvestigación empreendida consistió en innumerables horas de autorreflexión y autopenalización cuidadosa acerca del asunto, con la intención de llegar a una profundización autoconcienciométrica. El autoanálisis unido a los estudios bibliográficos específicos ha hecho posible hacer enumeraciones que relacionan autaprendizajes, consideraciones acerca del holossoma, obstáculos, repercusiones y transposiciones. Finaliza con 12 autocuestionamientos para la autorreflexión y concluye con que, según el Paraderecho, el divorcio es una medida evolutiva cuando las dos conscins ya no consiguen interasistirse y acumulan autoengaños con reflejos multidimensionales negativos.

Palavras-Chave: 1. Divórcio. 2. Aprofundamento autoconcienciométrico. 3. Paradireito. 4. Multidimensionalidade.

Keywords: 1. Divorce. 2. Conscientiometric self-analysis. 3. Paralaw. 4. Multidimensionality.

Palabras clave: 1. Divorcio. 2. Autoanálisis concienciométrico. 3. Paraderecho. 4. Multidimensionalidad.

Especialidade. Autorrecinologia.

Speciality. Self-recinology.

Especialidad. Autorrecinología.

Materpensene. Paradireito Interconscional.

Materthosene. Interconscional paralaw.

Materpensene. Paradereco interconscional.

INTRODUÇÃO

Desconstrução. Este trabalho desconstrói ideias derrotistas sobre o divórcio, elaborando autorreflexões analíticas a partir de relato da casuística pessoal e pesquisas realizadas no intuito de promover autorganização e compreensão do mal-estar sentido perante o divórcio pelo qual passou.

Objetivo. O artigo tem por objetivo compartilhar análises conscienciométricas sobre experiências autovivenciadas, a fim de auxiliar leitoras e leitores interessados na compreensão das relações afetivo-sexuais, à luz da *Inteligência Evolutiva*.

Contribuição. A autora considera que os estudos feitos, as autorreflexões procedidas, a elaboração das ideias, os debates promovidos em seminários conscienciológicos, as devolutivas recebidas, a escrita e reescritas ao longo da autopesquisa empreendida contribuiram e continuam contribuindo para interassistir consciências envolvidas, conscins e consciexes. Espera-se que, a partir deste artigo, a interassistência se expanda.

Metodologia. No processo autopesquisístico o método utilizado consistiu em muitas horas de autorreflexão, estudos e autopensação ponderada sobre o assunto intencionando o aprofundamento autoconscienciométrico. Para ampliar a visão de conjunto das autovivências multidimensionais relacionadas ao casamento e ao divórcio, foi realizado um paralelo do assunto com a lista das *megafrustrações humanas*, descritas em Vieira (2007, p. 227). E, para ampliar as ideias, utilizou-se também o verbete *Divórcio*, constante na *Enciclopédia da Conscienciologia* (SILVEIRA, 2015).

Organização. O desenvolvimento deste artigo está organizado em 2 seções:

1. **Casuística: relato pessoal.** Narra experiência da autora, em primeira pessoa,
2. **Análises conscienciométricas.** Expõe autavaliações, reflexões, necessidades e traços intraconscenciais analisados conscienciometricamente.

CASUÍSTICA: RELATO PESSOAL

Casamento. Com a ideia de casamento romântico, eu tinha a ilusão de viver o dia de princesa, na condição de marco da transição da saída da casa dos pais, conferindo liberdade para tomar as próprias decisões e gerir a própria vida. Com tais pensenes, seguindo os costumes da família, desde criança eu imaginava me casar aos 20 anos, idade que supunha ser a ideal.

Autoridade. Apesar de buscar independência desde cedo, eu sentia necessidade de alguém para decisões mais complexas. Dessa forma, com facilidade, fiz transferência da autoridade paterna para o primeiro namorado, que viria ser o meu marido.

Relacionamento. Casei-me em 2001, aos 19 anos, após 6 anos e meio de namoro, quando estava no sexto período de faculdade de Direito. Naquela ocasião o relacionamento já apresentou sintomas, indicando que algo não estava bem. Entretanto, por não me ver fora daquele convívio, investi no enlace como recurso para melhorar a relação.

Sinais. Outros tantos sinais de contrafluxo ocorreram às vésperas, na organização, e na própria festa de casamento entre os quais destaco estes 3:

1. **Marcha nupcial.** Na entrada da igreja, durante a marcha nupcial, minha mãe solicitou a ligação de ventilador, então a mexida nos interruptores queimou o órgão enquanto eu estava no meio do caminho, causando imenso constrangimento.

2. **Vídeo.** O cinegrafista pediu para eu e meu pai ficarmos parados, pois editaria o vídeo. Assim fizemos, porém, a edição não foi feita. É possível ver, na mídia gravada, meu constrangimento, junto ao meu pai, parados no meio do caminho, sem música, sem saber o que fazer.

3. **Vidro.** Na comemoração, ao chegar à casa de festa, fui informada sobre a quebra acidental do vidro da janela sobre as taças para servir champanhe e sobre parte do bolo. Desta forma, o brinde foi em taça de plástico e parte do bolo foi removido.

Instituição. Na vida de casada, seguindo a educação recebida, mesmo quando aquela união se tornou esvaziada de conteúdo afetivo e não se configurava mais uma relação para somar, eu via o casamento como instituição a ser mantida acima de qualquer dificuldade, pois acreditava que socialmente se passa mais credibilidade ostentar aliança e fotos retratando a todo custo felicidade, mesmo quando não existente.

Divórcio. Mas, as dificuldades se acumularam e por alguns motivos, dentre os quais um dos mais relevantes foi o ciúme do parceiro e a impossibilidade de investimento na carreira profissional em razão da concepção do meu ex-marido quanto ao trabalho da mulher, tido como prejudicial à vida familiar, divorciei-me aos 21 anos, em 2003, no décimo período da faculdade de Direito, sem ter investido em estágio e desenvolvimento profissional.

Ética. Após a formatura e aprovação na prova da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o divórcio foi minha primeira atuação como advogada, pois, de acordo com a ética familiar, eu não deveria sair e/ou conhecer outras pessoas antes de retirar o sobrenome do meu ex-marido. Voltei a morar na casa dos meus pais e o assunto da minha separação foi constante durante longos meses, até eu me sentir segura e me fortalecer na psicoterapia para impedir novas conversas sobre o assunto.

Sonhos. Passada a fase depois do divórcio, durante anos eu rememorava o que interpretava como sonhos lúcidos com o meu ex-marido e, ao conversar com a psicóloga contratada no tratamento psicoterápico realizado de 2003 a 2010, ela me dizia que possivelmente tais sonhos aconteciam em decorrência dele ser minha referência afetivo-sexual.

Projeciologia. Passados 10 anos, já aos 31, em 2013, percebi a ocorrência constante e sistemática daqueles sonhos tão reais e, apesar de ainda não conhecer a Projeciologia, percebia se tratar de projeções conscientes nas quais o convívio continuava acontecendo na dimensão extrafísica, impedindo a vivência sadia da afetividade no contexto intrafísico. Supus conviver com consciências energívoras (antítipos extrafísicos) apresentadas como meu ex-marido – pessoa com a qual referenciava o afeto.

Separação. Se eu começava algum relacionamento intrafísico, me via na dimensão extrafísica repetindo a situação de separação como se o novo relacionamento intrafísico representasse traição ao relacionamento extrafísico. Quando a reconciliação (no ambiente extrafísico) era feita, o relacionamento intrafísico não tinha mais seguimento.

Interprisão. E eu não entendia a dificuldade até que a minha hipótese passou a ser a seguinte: necessidade de superação de interprisão grupocármica, inclusive a possivelmente advinda de retrovidas, e, por isso, minhas bioenergias atraíam recorrentemente situações semelhantes para aprendizado.

Fato. Um exemplo que reforça tal hipótese era o fato de, passados 10 anos de divórcio, ao começar a conhecer outra pessoa, a minha sensação era de que já estivéssemos no décimo ano, ou seja, sobrepondo problemas e defeitos antes mesmo de começar a conhecê-lo.

Investimentos. Assim se seguiu até que, após conhecimento da Conscienciologia em 2014 e a percepção da dinâmica que eu vivenciava, durante 2 anos passei a investir na lucidez intra e extrafísicas realizando cursos e anotações, e também exercícios energéticos visando cessar assertivamente aquele tipo de projeções conscienciais. Com o investimento em maior lucidez, a incidência das projeções conscientes diminuiu.

Relatos. Comecei a perceber, a partir de novembro de 2015, a aproximação de diversas pessoas relatando questões sobre divórcio, relações extraconjugais e/ou casamentos falidos. Observando os relatos ouvidos, percebi que, com o caminho desconhecido à frente é relativamente comum algumas consciências preferirem manter o status quo, disputando felicidade nas redes sociais.

Profissão. Durante os 9 anos de relação eu não consegui me desenvolver profissionalmente, diante da minha dificuldade em reagir à dinâmica de subjugação já estabelecida naquele relacionamento, não havendo motivo para manter a autculpa.

Ressignificação. Ao entender a necessidade de ressignificar o que sentia e tinha vivido, passei a empenhar-me na autoconscienciometria, identificando traços intraconscenciais intervenientes naquele processo.

Frustrações. Em fevereiro de 2016, em uma dinâmica parapsíquica, uma consciex amparadora me sugeriu analisar minhas frustrações a fim de que minha vida afetiva tivesse seguimento. Por esta razão busquei no tratado *Homo sapiens pacificus* a enumeração de frustrações e, em maio de 2016 foi possível materializar o primeiro texto sobre o assunto. A escrita deste artigo é tida como ferramenta de posicionamento, retratação, superação e interassistência.

ANÁLISE CONSCIENCIOMÉTRICA

Conscienciometrologia. Segundo a *Conscienciometrologia*, perante situação de frustração e recomeço, compete à conscin mapear, fazer o autodiagnóstico e encarar as questões afetivas mal resolvidas, dificultadoras da tomada de decisões de destino. É evolutivamente inteligente entender os próprios erros e, por meio do *binômio autoimperdoamento-heteroperdoamento*, traçar estratégias a fim de não mais cometê-los.

Autanálise. Buscando proceder conscienciometricamente, a partir das autovivências narradas em *Casuística: Relato Pessoal* foram realizadas autanálises confrontando o contexto intraconscional da autora com as 100 condições frustrantes na vida humana enumeradas na Taxologia do capítulo *Enumeração das Megafrustrações Humanas* (VIEIRA, 2007, p. 228 a 232). Deste confronto, eis a descrição do contexto identificado e das autorreflexões, nos 15 itens relacionados a seguir, em ordem alfabética, destacando-se os autaprendizados:

01. **Abandono.** Experiência de abandono intensamente repetida, deixando projetos e metas antes mesmo de começar, em razão da insegurança e da necessidade de autovitimização (síndrome da pré-derrota) até desconstruir o modelo de felicidade estritamente vinculada ao projeto de família feliz a partir de casamento duradouro. *Há diversas outras fontes de felicidade, sobretudo relacionadas ao alinhamento com a programação existencial* (proéxis);

02. **Autodescuido.** Necessidade constante de aprovação externa geradora de compulsão emocional e atratora de conscin manipuladora. A compulsão alimentar também se caracterizou como problema a ser contornado com auxílio especializado. *O mais adequado é priorizar o autocuidado e a autossustentabilidade como valores impulsionadores da interdependência afetiva.*

03. **Autoimagem.** Foco na manutenção de traço-fardo (trafar), pela necessidade de preservação da autoimagem de vítima, constitui postura a ser modificada urgentemente, pois revela sectarismo e dogmatismo (valorização do sofrimento), perpetuando a frustração nas experiências afetivas. *Refletir sobre os ganhos secundários desta manifestação demonstra inteligência evolutiva.*

04. **Autovitimização.** Superação do traçar exige postura autabsolutista e cirúrgica para o autenfrentamento a fim de superar a autovitimização em busca de novo parceiro. *Isso possibilita a constituição de relação afetivo-sexual pró-evolução, interassistencial, superando as automimeses dispensáveis da Socin ainda imatura.*

05. **Bradicinesia.** A ressonância é grande oportunidade intrafísica, passível de potencialização quando guiada pelo mentalsoma, a partir do autodiscernimento. *As dificuldades afetivas podem gerar dispersão e perda de foco, caso a consciência não se predisponha à autopesquisa. Por outro lado, é importante respeitar o próprio tempo evolutivo e as etapas necessárias para obter o resultado das reciclagens.*

06. **Decisão.** Ciente de ter feito o melhor dentro do próprio nível evolutivo, e não ter mais ferramentas para manter ou transformar o relacionamento afetivo como troca saudável e útil, vale a consciência se posicionar, focada no melhor para todos. *A decisão pela melhora da própria forma de se relacionar pode melhorar a relação ou apontar para seu rompimento.*

07. **Dificuldades.** Decidir-se pelo divórcio pode ser a opção acertada e necessária, pois relações afetivas patológicas podem colocar em risco o cumprimento da proéxis. Por outro lado, pequenas mudanças podem mudar significativamente os relacionamentos já existentes. *Assumir o autoprotagonismo é o mais importante para não atribuir somente ao outro a responsabilidade pelas dificuldades, gerando interprisões com reivindicações desnecessárias.*

08. **Erro.** A culpa pela dúvida do acerto ou erro das decisões mantém a consciência presa ao conflito. *A ideia do casamento ideal e duradouro até a dessonância funciona como mera escravização religiosa, certamente vivida há algumas vidas e já passível de superação após a hipótese de ter participado de Curso Intermissivo propulsor do rompimento de padrão de vidas anteriores.*

09. **Implosão.** A vivência da implosão dos “castelos de areia” foi detalhadamente sentida, com diversos sintomas físicos, tais como queda de cabelos, verrugas por toda pele, úlceras e gastrites, períodos de mudez entre outros, e repetidamente vivida de maneira inconsciente nos anos seguintes, corrompendo cada vez mais a autoestima e autoconfiança. *Expectativas construídas a partir de autenganos do mito do amor romântico são passíveis de superação.*

10. **Improdutividade.** Fases de esterilidade da produtividade e recesso criativo, mantendo estagnação profunda da carreira, podem acontecer em decorrência da grande perda energética em razão da

vitimização, pois *atribuir culpa ao outro mantém a consciência na condição de vítima da ação alheia e incapaz de movimentar a autevolução.*

11. **Inaptidão.** Com a autestima e autoconfiança cada vez mais abaladas, a sensação de nunca ter o melhor currículo ou não estar adequadamente preparada para tudo, se for constante, leva a consciência a desperdiçar ou dispensar oportunidades valiosas em várias áreas da vida, por exemplo, na carreira profissional e também nas próprias vivências afetivas. *Investir em autestima e em autossustentabilidade é possível, a partir da vontade sincera.*

12. **Injustiça.** O repertório de sentimento de injustiça, sem nada poder fazer, o *sentir-se de mãos atadas*, denota entregado poder pessoal a fatores externos: aprovação dos outros, sonho de casamento romântico, aparência de felicidade e outros. Resgatar o *locus de controle* interno possibilita a certeza de tudo estar no lugar certo. *Não há injustiça, há a lei de ação e reação.*

13. **Insônia.** *Distúrbios de sono podem indicar autassédio, apontando para a necessidade do aprofundamento da autopesquisa.*

14. **Orgulho.** O orgulho tanto atrapalha a reconciliação quanto a decisão pela ruptura. Assim, sem humildade para reconhecer o erro, o orgulho domina a relação com o outro ou consigo próprio, impedindo a autenticidade e o desapego de situação antievolutiva. *Reconciliar ou romper a relação são atitudes mais inteligentes, não priorizando o orgulho.*

15. **Solteirice.** Por hipótese, com grande drenagem energética a partir das vivências mantidas por dúvida no posicionamento quanto ao divórcio ou por incompreensão da situação, no permitiram extrafísicamente, caso da autora, a manutenção de relação patológica gerando empecilho para a aproximação afetiva de consciência com novo padrão de energia, sobretudo, de qualidade homeostática.

Holossomaticidade. Prosseguindo, na autavaliação conscienciométrica, considerando a evolutividade consciencial e as aprendizagens no caso pessoal da autora, eis 4 considerações, segundo os veículos holossomáticos:

1. **Soma.** Intrafísicamente, no posicionamento evolutivo por estar ou não estar em relação afetiva-sexual, é importante retratar o sentimento íntimo de vontade de estabelecer trocas e interassistência.

2. **Energossoma.** A definição da união íntima reverbera energeticamente podendo blindar a relação ou expor a conscin a heteroassédios. Questões mal resolvidas em relacionamentos findos interferem energeticamente nas relações atuais e predispõe a ataques extrafísicos.

3. **Psicossoma.** Ao esconder de si mesma os sentimentos, a consciência gera ressentimentos e amplificação das mágoas, ao passo que reconhecê-los auxilia na autopesquisa e na autoevolução. Preocupar-se em demasia com a aprovação alheia também predispõe a autassédios desnecessários.

4. **Mentalsoma.** A escrita e a exposição mentalsomática da realidade pessoal funciona na qualidade de técnica e ferramenta para organização e compreensão do próprio universo de experiências, facilitando o processo terapêutico e tarístico do perdão.

Repercussões. No tocante à repercutibilidade para além do casal, eis, na ordem alfabética, 2 possíveis consequências dos relacionamentos sem sucesso ou desprovidos de quesitos pró-evolutivos para o casal:

1. **Drenagem.** Casos extraconjugais podem surgir em cena enquanto refúgio para uma ou ambas as partes, predispondo o casal a drenagens energéticas, na ilusão de bem-estar, evitando o autoenfrentamento. Pelas mais diversas questões, talvez financeiras ou por dependência afetiva, o casal permanece na situação de escoamento energético, principalmente quando há filhos e estes apresentam sensibilidade ao afastamento.

2. **Patologias.** Quando os pares já não se compreendem e/ou não se interessam, as 2 consciências envolvidas podem adoecer e também predispor os seus filhos a doenças, pois quando estes parapercebem energeticamente a situação mesmo não a compreendendo na totalidade, podem apresentar quedas de imunidades sistemáticas nos momentos críticos do casamento dos pais com dificuldades de autoposicionamento.

Travões. Eis, na ordem alfabética, 5 traques observados perante a falta de autoenfrentamento e posicionamento nas situações em que o divórcio seria a melhor solução:

1. **Autengano.** Ao manter o medo de dar motivos para brigas, a energia de insegurança e incoerência parece haver algo a esconder. A avaliação é de que, de fato, isso significa esconder-se a si mesmo. O egoísmo existente pode obstar o reconhecimento de mim e do outro e alimentar medos, situações e relações ilusórias, gerando cada vez mais insegurança baseada em frustrações.

2. **Derrotismo.** A opção pelo divórcio muitas vezes é interpretada como derrota. Derrota é viver de aparências, infeliz ou subjugado. Cuidar da própria vida e experienciar as próprias decisões demonstra coragem e autoenfrentamento. Entre missões e intermissões as consciências vivem diversos recomeços, não cabendo apegos imaturos.

3. **Ilusão.** Nas relações afetivas importa também a liberdade de não se subjugar a *status* ou ilusão de poder advindos da relação conjugal. Exemplo: Durante longos anos a autora pensava ser o seu parceiro o manipulador, aproveitando-se da sua necessidade de autovitimização, mas ao aprofundar-se no processo de autopesquisa entende que a subjugação é também uma forma de manipular.

4. **Insegurança.** Após o processo autopesquisístico, a autora percebeu a insegurança contendo energia de desonestidade. Entendeu-se que quem é autêntico não tem *coisas* a esconder e que quem mantém-se inseguro é incoerente, por não se conhecer e manter fatores externos como autorreferência. Deste modo, a falta de posicionamento dificulta a construção da própria identidade.

5. **Rigidez.** Manter autoculpa por relacionamento malsucedido caracteriza-se em traço intraconscional de rigidez. Todas as consciências estão em evolução, logo, ninguém tem direito de julgar eventual comportamento imaturo de outra consciência. Conservar raiva, irritação ou culpa, seja em relação a outrem ou a si mesma, configura incoerência e autoconflito. O mais inteligente é o posicionamento pela libertação de emoções ruins em relação a si mesma e ao parceiro.

Transposições. Em contraposição aos traços-fardos (trafares), eis, em ordem alfabética, 5 transposições traforistas:

1. **Interassistência.** Após análise mais ampla da consciencialidade, é possível entender a interassistencialidade da postura de quebrar o padrão e o paradigma de subjugação feminina, demonstrando os limites importantes a serem respeitados, pois já não cabe o mesmo comportamento de outrora. A partir do divórcio, as consciências envolvidas, incluindo os familiares, podem perceber a importância de buscarem seu bem-estar, repensando inseguranças e ciúmes.

2. **Perdão.** Na escrita deste artigo a autora percebeu a ausência de perdão da sua parte. Como técnica para autossuperação deste aspecto, buscou listar o (s) motivo (s) intraconscenciais de ter culpado o outro por todos estes anos. A conclusão, até o momento, é não ter muitas condições de fazer diferente e, mesmo tendo sido possível, não fizemos, então só há a alternativa de perdoar e seguir em frente.

3. **Reciclagem.** No caso específico da autora, ambos eram jovens inexperientes nesta vida intrafísica. A permissividade e a abusividade permearam o relacionamento, e o passar dos anos já possibilita a reciclagem.

4. **Respeito.** A partir do exercício do melhor de nós mesmos, do respeito à diversidade, do seguimento na proéxis, entende-se que o duplismo evolutivo é consequência natural, sem ansiedade ou atropelo. Logo, o foco permanece no autoconhecimento, na interassistência e no exercício do respeito com base no Paradireito. A autopesquisa inventariando o passado serve para desconstrução do que se foi e reconstrução para o futuro.

5. **Universalismo.** As relações afetivas constituem robusto motivo para exercício do universalismo e reconhecimento, de si e do outro. Pelo *Principium coincidentia oppositorum*, construir pontes e derrubar muros é a premissa para a interassistência. Identidade de gostos e temperamentos não seria o mais

importante, mas sim aprender a se relacionar consigo mesma e com o outro, aceitando-o como ele é, se o “ser” dele está dentro da esfera interassistencial entendida como possível.

Autoquestionamentos. No tocante à reflexão conscienciométrica sobre possíveis autocorrupções, eis 12 autoquestionamentos ainda em análise por esta autora, relacionadas na ordem em que foram elaboradas:

01. Como eu posso aprender mais com as experiências afetivo-sexuais?
02. Qual é o padrão das consciências com quem eu me relaciono?
03. Eu enxergo o outro por projeção ou por empatia?
04. Quais traços intraconscenciais, identificados no outro, eu tenho?
05. O que eu gostaria de mudar no outro e não mudo em mim?
06. Quem tem interesse na manutenção de carências afetivas minhas?
07. Como eu posso ser mais assistencial nas minhas relações?
08. Tenho dificuldade em conjugar a vida afetiva com a vida profissional? Consigo deter o parceiro de atrapalhar meu desenvolvimento? Consigo atuar de modo que a minha carreira profissional não atrapalhe o meu relacionamento afetivo-sexual?
09. O quanto a vida afetiva-sexual é condição *sine qua non* para o desenvolvimento de outras áreas da vida pessoal?
10. Por que *abrir mão* de algumas relações pode ser importante?
11. O que me impede de priorizar outros aspectos enquanto a parte afetiva não se estabiliza?
12. O que me impede de usufruir de lazer sadio independente da vida afetiva e da vida profissional?

CONCLUSÃO

Compartilhamento. Ao compartilhar as experiências pessoais, análises e constatações expostas neste artigo, a autora sintetiza autopesquisa empreendida, com estas 2 considerações:

1. **Homeostasia.** O relacionamento afetivo precisa retratar construção sadia e troca homeostática para ter sentido. É possível haver períodos mais ou menos felizes ou mais ou menos sadios, mas o des-cambo da relação para situação anuladora da consciencialidade é condição a ser evitada e combatida.

2. **Posicionamento.** O posicionamento pelo divórcio pode trazer incertezas, dificuldade financeira, solidão e readaptação. Contudo, em relações nas quais a patologia prevalece sobre a convivência sadia, a opção mais pró-evolutiva é o *divórcio amigável, considerando o melhor para os filhos, quando existentes*, a fim de que todas as consciências envolvidas possam se desenvolver em ambiente genuíno, livre de mentiras, traições ou dissimulações.

Paradireito. Considerando o Paradireito, conclui-se que o divórcio é medida evolutiva quando duas conscins já não conseguem se interassistir e acumulam autenganos com reflexos multidimensionais não positivos.

***O DIVÓRCIO É ATO MERAMENTE INTRAFÍSICO. A CONSCIN,
AO CONSERVAR MÁGOAS E REIVINDICAÇÕES, SEM AUTOPESQUISAS,
MANTÉM, MULTIDIMENSIONALMENTE, RELACIONAMENTOS
PATOLÓGICOS, OBSTANDO À AUTEVOLUÇÃO.***

Bibliografia Específica:

1. **Vieira, Waldo;** *Homo sapiens pacificus*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 413 caps.; 403 abrevs.; 38 *E-mails*; 434 enus.; 484 estrangeirismos; 1 foto; 37 ilus.; 168 megapensenes trivocabulares; 1 micro-biografia; 36 tabs.; 15 *websites*; glos. 241 termos; 25 pinacografias; 103 musicografias; 24 discografias; 20 cenografias; 240 filmes; 9.625 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) & Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2007; páginas 227 a 232.

Infografia Específica:

1. **Silveira, Morena;** *Divórcio*; verbete; In: Vieira, Waldo; (Org.); *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*; *Associação Internacional Editares & Associação do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia*; Foz do Iguaçu, PR; Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=3318&&Itemid=13>. Acesso em 11.05.2017.

Minicurrículo:

Maria Madalena Soares de Souza Esteves é graduada em Direito. Especialista em Direito do Trabalho e Processo e em Direito Tributário. Mestre em Bioética e Saúde Coletiva. Advogada e Professora Universitária. Voluntário da Conscienciologia desde 2014. Docente de Conscienciologia desde 2015. Tenepessista desde 2015. Verbetógrafa da Enciclopédia da Conscienciologia.

